

## **PROSTITUIÇÃO NÃO É SÓ UMA QUESTÃO DE GÊNERO E CLASSE:**

### **Mulheres Negras, Subjetividades e Resistências no Trabalho Sexual**

Adriely Clarindo

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade  
Estadual de Campinas. Bolsista CAPES.  
clarindoadriely@gmail.com*

*Simpósio Temático nº IX – Cuidado que a preta é raivosa! Desqualificações,  
Subalternizações e Violências a partir das imagens de controle*

#### **Resumo**

No cenário brasileiro os estudos sobre prostituição e a articulação entre raça, classe e gênero ainda são incipientes; tal articulação permanece subsumida às análises sobre gênero e trabalho sexual. Diante disso, neste trabalho propõe-se uma análise e problematização a respeito das hierarquias que compõem a prostituição, e como elas se constituem por meio da intersecção de categorias de diferenciação. Para isso, como ferramenta metodológica, inscreve-se as narrativas das experiências de mulheres negras cisgênero que exercem o trabalho sexual; oriundas de um processo de pesquisa realizado em parte da região sudeste do país. Tais narrativas partem, portanto, das percepções das trabalhadoras sobre suas próprias vivências. Articula-se ainda as narrativas a algumas pesquisas que versam sobre relações sócio-históricas entre mulheres negras, hiperssexualização, subjetividade e prostituição no Brasil, bem como a diferentes ponderações feministas sobre o assunto. As condições de possibilidade de agir sobre suas respectivas realidades, capacidades de agência, também são analisadas e evidenciadas. Por fim, denota-se a existência de modos de vida e resistências atreladas a redes de afetos construídas diante de adversidades. Trabalhadoras sexuais negras afirmam-se, deste modo, como sujeitos ativos em sua própria história.

**Palavras-chave:** Prostituição. Feminismos. Raça. Interseccionalidade. Subjetividades.

#### **Abstract**

Studies on prostitution and the relationship among race, class, and gender are still incipient in the Brazilian setting. Such articulation remains subsumed under analyzes of gender and sex work. That said, this paper proposes an analysis and a problematization of the hierarchies that compose prostitution and how they constitute it through the intersection of categories of differentiation. To do so, narratives from experiences of cisgender black women who perform sex work are inscribed as a methodological tool from a research process from a part of the southeast region of the country. Such narratives, therefore, start from the workers' perceptions about their own experiences. These narratives are also articulated with some researches that deal with sociohistorical relations

among black women, hypersexualization, subjectivity, and prostitution in Brazil, adding as well as with different feminist considerations on the subject. The conditions for the possibility of acting on their respective realities, agency capacity, are also analyzed and highlighted. Lastly, it denotes the existence of ways of life and resistance attached to networks of affections built in the face of adversity. Black sex workers thus assert themselves as active subjects in their history.

**Keywords:** Prostitution. Feminisms. Race. Intersectionality. Subjectivities.

## Introdução

Neste trabalho não nos centraremos apenas em narrativas e análises de experiências no trabalho sexual que perpassem questões referentes a gênero; em meio às diferenciações e particularidades, coloca-se em evidência as experiências de mulheres prostitutas negras, objetivando pôr em relevância como a articulação entre gênero, classe e raça forjam hierarquias, subjetividades e resistências presentes na prostituição<sup>1</sup>.

As narrativas que estruturam e norteiam este estudo são inscritas através das percepções de trabalhadoras sexuais negras sobre suas próprias vidas e trabalho. As narrativas de suas experiências entrelaçam-se, portanto, àquelas concepções, estudos<sup>2</sup> e discussões que versam sobre hiperssexualização dos corpos das mulheres negras, limitação de escolhas profissionais ou inexistência delas, hierarquias existentes entre mulheres no trabalho sexual, processos históricos que articulam mulheres negras escravizadas à exploração sexual e à prostituição, naturalização de estereótipos e dos espaços que essas pessoas podem ocupar, e suas formas de resistência e agência.

A fim de responder e analisar tais entrelaçamentos, as narrativas das experiências acoplam-se metodologicamente às proposições do filósofo Walter Benjamin (1987), sobre seu caráter coletivo, isto é, as experiências só tomam caráter de experiência quando

---

<sup>1</sup> A fim de que seus usos não se tornem repetitivos utilizo as terminologias prostituição e trabalho sexual de maneira alternada, o que também ocorrer com os termos prostitutas e trabalhadoras sexuais. Além disso, observando o campo de disputa política em que os termos se inserem, considero impossível capturar em apenas uma terminologia as multiplicidades que compõem as experiências na prostituição. Esses termos em disputa são então percebidos como afirmando a prostituição como trabalho, assim como destacando a positivação da prostituta na luta contra o estigma.

<sup>2</sup> Sobre estudos que tratam das experiências de mulheres e prostituição, sugiro ver Nunes (2015; 2017), Prechet (2019, 2020), Banuth e Santos (2015), Góes (2017), Ramos (2015).

são narradas, compartilhadas. Narro assim apenas aquelas experiências que se repetiam nos diferentes campos de pesquisa, e que eram compartilhadas entre as interlocutoras.

Tal ferramenta metodológica contribui ainda para a reflexão crítica sobre as histórias, estudos e pesquisas que homogeneizam as experiências na prostituição, sem antes promover o questionamento sobre como a intersecção de categorias de diferenciação constituem subjetividades e vivências presentes no trabalho sexual. Trata-se, deste modo, de um movimento questionador: quais particularidades e diferenças forjam as experiências de mulheres negras no trabalho sexual? E em que reside a importância de pensarmos sobre as hierarquias que compõem o trabalho sexual?

Na esteira destes questionamentos, centro-nos na articulação entre as narrativas e algumas proposições feministas sobre agência, hipersexualização e subjetividades de mulheres negras, de modo que todo o texto é inscrito em meio a trânsitos textuais narrativos e articulações teóricas. É ainda preciso indicar que a pesquisa que deu origem a estas escritas ocorreu em três campos distintos, e que cada um deles apresentava suas particularidades.

No primeiro, localizado no interior do estado de São Paulo, os programas e as condições de trabalho são vistos como bons, locais limpos e com valores de programa variando entre 400 e 500 reais. No segundo, localizado no interior do estado do Espírito Santo, tem-se uma casa de prostituição compreendida como razoável, local não tão bem higienizado, e valores de programa variando entre 200 e 500 reais. Por fim, a terceira casa também localizada neste último estado, e compreendida pelas interlocutoras como inferninho, tem valores de programa baixos variando entre 100 e 200 reais, locais\alojamentos pouco higienizados e constantes batidas policiais. As interlocutoras desta pesquisa possuíam idades variando entre 18 e 32 anos.

### **Reflexões históricas: hierarquias e experiências**

Pensar a respeito das hierarquias que compõem o trabalho sexual aponta inicialmente para como os diferentes corpos ocupam espaços distintos na prostituição. A exemplo disto, dos três locais pesquisados, apenas aquele com ganhos financeiros mais baixos era habitado por mulheres negras de pele retinta. Noutros espaços, com melhores condições de trabalho e maiores ganhos, boa parte das mulheres negras que trabalhavam por lá se aproximavam, a partir do olhar dos clientes, donos dos estabelecimentos, e

colegas de trabalho, das representações racistas e sexistas que constituem a categoria mulata. Como se pode se ver na cena a seguir,

*Uma mulher sambando no palco, em meio às rápidas batidas do samba, vê homens estrangeiros e brasileiros olhando-a admirados. Com um sorriso musicado, e cheia de plumas, salto bem alto, trajes carnavalescos, e aparente leveza; ela desce do palco, samba por todo salão, atraindo olhares e sorrisos convidativos. Sambando freneticamente, e sem demonstrar cansaço, para em frente a uma outra prostituta que foi apelidada de Polaca devido a cor de sua pele. Em tom audacioso, diz à Polaca: “é assim que se faz.” Um alvoroço se forma, burburinhos entre as trabalhadoras tornam-se muito visíveis. O tom provocativo de Aline, a mulher que está sambando, anuncia não só a provocação à colega, mas também as rivalidades e os tensionamentos das hierarquias presentes no trabalho sexual.*

De acordo com Carmo (2011), um dos traços mais marcantes da prostituição feminina na história do Brasil foi a enorme quantidade de mulheres negras escravizadas, livres e pobres, que se dedicavam a esta atividade. Ainda de acordo com a autora, no horizonte da prostituição no período colonial, marcadamente afetado pelo fator racial, já podia-se ver mulheres negras exercendo a prostituição forçada por homens e mulheres brancos que obtinham, por meio delas, bons rendimentos financeiros.

Em concomitância a isso, ocorreu também o processo de hipersexualização dos corpos das mulheres negras. Processo que, por sua vez, esteve ligado aos ensinamentos racistas e misóginos do fundamentalismo cristão da época. As mulheres brancas, nesse horizonte histórico, estiveram atreladas a partir da submissão aos castigos, aos ideais de virtude, inocência e dessexualização; enquanto mulheres negras, por meio da desumanização, estupro e exploração sexual forçados contra elas, garantiam o lugar de inocência às mulheres brancas (HOOKS, 2019). Diante disso, é visto que tal hipersexualização gerou impacto político e social na condição dessas mulheres, e no período pós-abolição boa parte delas continuou presente e inserindo-se nos territórios da prostituição, retirando de lá sua fonte de sustento (OLIVEIRA, 2008; NUNES, 2015).

No entanto, outros horizontes emergem quando pensamos a prostituição no Brasil. Em contraponto a essas proposições, Prechet (2020, p. 74) ao analisar o meretrício negro por dentro da organização escravista no Rio de Janeiro, por volta de 1871, denota como a prostituição, forçada por homens e mulheres brancos escravocratas, podia significar para as mulheres escravizadas uma possibilidade de se manterem afastadas do jogo

senhorial e principalmente de conseguirem viver de forma mais afrouxada dos termos da escravidão rural.

A autora através de suas análises históricas ainda demonstra que a vida na cidade, ocasionada pelo trabalho na prostituição, permitia maior movimentação, além de alguns rendimentos e formação de redes de solidariedade e sociabilidade que garantiam a inserção dessas mulheres no corpo social da época. Isto, notoriamente, sem esquecer-se das dificuldades imputadas pela cor e pela vigência da ordem escravista (PRECHET, 2020). A prostituição de mulheres negras escravizadas produziu então uma lacuna nas relações senhoriais. Isto porque houve uma campanha moralizadora que, fundamentada nas preocupações do cientificismo higienista sobre as relações sexuais, sobretudo de mulheres negras e homens brancos, ao pretender acabar com esse segmento da prostituição, obteve a alforria de 186 mulheres<sup>3</sup>.

Ambas as proposições históricas, desde suas perspectivas conflitivas ou não, amplificam e complexificam as possibilidades de compreensão sobre a inserção histórica de mulheres negras na prostituição. Me interessa, contudo, pôr em relevância como as mulheres negras não eram desprovidas de consciência, uma vez que buscavam alguma autonomia enquanto a perseguição à prostituição não era resolvida. Vê-se, deste modo, como ideais de liberdade e autonomia sempre estiveram presentes nas lutas e trajetórias dos sujeitos negros; dando então o tom de protagonismo a essas mulheres (PRECHET, 2020).

Compreender essas nuances históricas nos coloca ainda diante dos processos que subsidiam até os dias atuais as formas com que as experiências de algumas mulheres negras inseridas no trabalho sexual se articulam a estereótipos. O que põe em vista também as formas como as interlocutoras deste trabalho ocupavam alguns espaços na prostituição. Além de também não nos deixar esquecer as maneiras com quais elas se posicionavam diante das adversidades, resistindo e recriando modos de sobrevivência e vivência na prostituição. Sob este cenário, a figura da mulata que surge no início dessa discussão é então um dos pontos chaves para compreensão sobre essas formas com que as interlocutoras ocupam alguns espaços na prostituição.

---

<sup>3</sup> Prechet (2020).

Antes de adentrarmos outras narrativas das prostitutas, estas que evidenciam as formas citadas, é preciso que nos atentemos àquilo que Lélia Gonzales (1999) denominou como a dupla imagem que perpassa as mulheres negras: mulata e doméstica. Para a autora é justamente na figura da mulata que se pode ver marcadamente o processo de hiperssexualização. E assim como sugerem outras autoras, como Corrêa (1996) e Angela Gilliam e Onik'a Gilliam (1995), na construção social nota-se que a mulata como uma figura que não está para ser esposável, mas para ser “comida”: a mulata é então concebida como puro corpo ou sexo.

Ademais, analisando especificamente algumas gramáticas sexuais que envolvem a prostituição, precisamos ainda lembrar que se por um lado podemos notar a atualização do discurso racista sob os signos de falsa valorização das mulheres negras, através dos elogios racistas e sexista à beleza hiperssexualizada ligada a figura da mulata (SAFFIOTI, 1987; NUNES, 2015); noutro aspecto, acoplado ao desejo masculino à figura da mulata, revela-se a rejeição à negra preta (CORRÊA, 1996).<sup>4</sup>

*Falando da mulher negra de pele mais escura que a daquela chamada de mulata, é possível vê-la andando de um lado a outro, e assim como todas as trabalhadoras, ela tenta chamar a atenção dos poucos clientes que naquela noite estavam lá em nosso inferninho. A noite não estava fácil, o movimento estava fraco. Tainá senta ao meu lado e começamos uma conversa sobre questões ínfimas. Ela afirma que me pareço com uma bonequinha, e que uma outra colega, próxima a nós duas, também parece. Pergunto a Tainá o que é uma bonequinha, ela me diz que: “ Ah, são essas putas que têm cara de mocinha, branquinha assim do cabelo lisinho, mesmo que seja esticado”. Um homem branco com aparentemente quarentenas anos, e pouco arrumado, chega ao salão do inferninho. Tainá rapidamente se levanta e se adianta para não perder o cliente de vista. Chegou perto dele, deu dois beijinhos em seu rosto, e pôs uma de suas mãos no ombro do cliente para quebrar a distância. O cliente logo respondeu às investidas da moça, afirmando: “mas que ne... nega não, morena bonita você é”. Ela retira então a mão dos ombros dele, em um desconcerto aparente, suspira sem graça. Tainá interrompe o cliente*

---

<sup>4</sup> Termo que a autora utilizou para referir-se analiticamente às mulheres negras de pele retinta. Desejo ainda deixar exposto que trabalho neste texto com a noção sociológica raça, como Stuart Hall (1993) que entende a raça como uma construção discursiva, um conceito classificatório importante na produção da diferença, um significante flutuante, deslizante, mas que significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares.

*e afirma que é uma morena gostosa. Uma hora depois de muitas tentativas de levá-lo para o quarto, o cliente diz que só foi até a zona para beber. O que francamente não faz muito sentido já que, como sabemos, a bebida na zona é muito mais cara que em bares comuns. No caminho até a porta ele passa olhando desejosamente para a garota encostada na parede, ela é o estilo bonequinha que Tainá havia acabado de apontar.*

\*\*\*

*Noutra zona, aquela mais conhecida por ser mais luxuosa, localizada no interior de São Paulo, com valores de programa razoavelmente altos e com condições de trabalho melhores, vejo duas colegas próximas conversando. Uma encostada na parede e a outra frente a ela. Angélica acaricia o rosto de Sofia, e tentando consolá-la, diz: “Força, mulher! Não desista da luta”. Sofia, que é a moça encostada na parede, abaixa a cabeça, mas logo levanta, afirmando: “saquei tudo, mas não vou desanimar, sei que sou bonita”. Angélica olha para ela, com as mãos ainda sobre o rosto da amiga, e pergunta: “Mas o que foi que eles te disseram? Por que mandaram você embora?” Sofia diz em tom jocoso que a desculpa foi que não há mais vagas no alojamento onde ficam as garotas que vêm de fora. As duas retrucam ao mesmo tempo: “Tem quarto sobrando, é tudo mentira.” A amiga, consolando e incentivando Sofia, sugere que ela viaje e procure outros puteiros: “esse povo daqui não sabe o seu valor”, retrucou. Sofia sorri e diz que sabe do próprio valor, mas que por ali não fez um real. As duas logo findam a conversa e voltam para o salão. Sofia tem a pele mais escura e é magra, tem cabelos longos e encaracolados; já Angélica tem uma pele um pouco mais clara, chamam-na de morena cor de jambo. A noite continua e Angélica volta a fazer o show com direito a samba e fantasias de carnaval. Soube, através de uma outra colega, que Sofia foi para uma zona mais barata. Quando uma garota vai para uma zona mais barata, depois de ter trabalho em algum lugar que possa ser entendido como luxuoso, é visto como algo vergonhoso. A colega Marina foi quem me contou sobre a mudança de Sofia para um bairro de prostituição bem conhecido na região, mas que tem valores mais baixos e prostituição de rua. Marina é branca, magra, com cabelos pintados em louro acinzentado, ela questiona a coragem de Sofia ao ir para “uma zona daquelas”.*

\*\*\*

*Nas zonas pelas quais andei, relata uma prostituta de pele branca: “observei que é comum que eu seja escolhida com maior rapidez se, porventura, eu for a de pele mais clara no local. Não importa se as outras colegas correspondem ao perfil estético presente*

*nessa tal categoria mulata, costumo ser escolhida justamente pela tal predileção por um perfil bonequinha: branca, magra, cabelo liso e rosto angelical. Em meu caso é tão evidente que na maior parte das vezes que saio com um cliente, suas fantasias sexuais passam por questões religiosas: terços e rezas compõem o programa, quando não, as fantasias sexuais dos clientes. Além disso, questionamentos sobre minha religião, e a velha arrogante retórica de que não pareço garota de programa, e posso ser salva por minha aparente ingenuidade, são também muito comuns. As coisas só ficam mais complicadas quando há uma loira, uma ruiva, ou alguma mulher de pele muito branca, daquelas “cor de parede”, aí sim, é mais difícil trabalhar”.*

\*\*\*

Faz-se notar por meio das narrativas como se dá a distribuição dos espaços nas zonas. Isto é, ganhos financeiros e condições de trabalho costumam se estruturar através das diversas formas com que as articulações das categorias gênero, raça, classe e geração podem se dar. Torna-se então explícita a existência de hierarquias na prostituição, o que aponta para as formas com que se constrói a distribuição das zonas de prostituição: os valores cobrados em cada zona e o perfil estético das mulheres que ocupam cada espaço.

Observar por meio das narrativas as distribuições dos espaços e as diferentes formas como as trabalhadoras ocupam tais espaços na zona, leva-me ainda a ressaltar que as experiências das prostitutas negras não são homogêneas, tampouco subdividem-se necessariamente em duas: aquelas que remetem à figura da mulata e sua hiperssexualização, ou aquelas de rejeição ligadas às prostitutas negras de pele retinta. Menos ainda, como explanarei mais a frente, podemos crer que essas mulheres não se movimentam e se agenciam diante dessas adversidades. A respeito da heterogeneidade das experiências das interlocutoras negras, vê-se nas cenas a seguir

*Duas amigas próximas Keila e Safira, mulheres prostitutas negras que acionam diferentes táticas para lidar com o entrelaçamento das questões raciais na prostituição. Keila é conhecida na zona por sua simpatia e paciência com clientes, tem muitos deles como clientes fixos que pagam gastos para além daqueles com os valores programas. Para ela, a simpatia ou a “malemolência” são atributos necessários para conquista dos trouxas, como ela mesmo sugere. Keila se acha e se gosta quente, diz que é preciso quentura e a tal da malemolência para lidar com eles. Segundo fofocas, ela é sem dúvida a garota que mais ganha dinheiro na zona. Safira, por sua vez, é negra de pele clara, e assim como muitas colegas, ela alisa e tingi os cabelos de louro. Ela argumenta que os*



*clientes preferem loiras, e que isso não é segredo para ninguém. Com mega-hair até a cintura, ela passeia pelo salão e, também de acordo com as fofocas, nesta zona aqui, aquela do inferninho, é a segunda garota com mais clientes. Assim que Safira começou a trabalhar no inferninho, muitas outras colegas decidiram tingir o cabelo. Disseram que precisam usar menos de sua forjada simpatia com alguns clientes, uma vez que o cabelo por si só já levanta uma grana maior.*

\*\*\*

Em outras experiências, nos três campos pesquisados percebi também que recorrente mulheres negras escolhiam Tainá como nome de trabalho. Notemos então, em meio a heterogeneidades, as similaridades das experiências entre as diferentes Tainás. Em suma:

*As Tainás que conheci costumavam caminhar de maneira alegre e descontraída por todo salão em busca de clientes e amizades com outras garotas. Elas, de maneira similar, costumavam contar que preferem parecer-se com indígenas, diz-se que “há um fetiche aí dos homi da zona”. Nas festas à fantasia promovidas pelos donos das boates, elas se adornavam com cocares, alisavam mais ainda os cabelos, os pintavam de preto, passavam tintas no rosto; e sim, trabalhavam bastante. Uma delas tem uma filha pequena de quem sempre fala, o dinheiro ganho na zona é voltado sobretudo à educação da criança. As Tainá’s costumam dizer que “se eu tô aqui, eu jogo o jogo, oferta e demanda. Se é pra parecer índia, nós parece”.*

\*\*\*

Confirmando a compreensão de que as experiências na prostituição não se constituem por meio de uma narrativa única, e que as experiências de mulheres negras inseridas no trabalho sexual são heterogêneas, nota-se nas narrativas que aquelas que não correspondem aos ideais estéticos que privilegiam a categoria mulata, utilizam outras táticas e modificações estéticas para forjarem uma aparência atraente para os clientes.

Centrando-nos ainda nas modificações corporais que algumas delas faziam, podemos notar algumas outras questões: a primeira delas, aquilo que Angela Gilliam e Onik'a Gilliam (1995) já anunciaram, as variáveis que delimitam a categoria da mulata, funcionam na relação entre si, isto é, a idade, peso, região geográfica, roupa, modo de falar, profissão e identidade mestiça, assim como a intenção dos homens para com a mulher que evoca tal categoria, figuram entre os marcadores mais salientes. Por conseguinte, abrindo a discussão a respeito das modificações estéticas que se referem a

aproximação da aparência de mulheres indígenas, emerge a percepção de que há o acionamento de uma identidade étnico-racial de acordo com os interesses das trabalhadoras sexuais no momento de trabalho.

Isto, aliás, não é algo que se insira como novidade nos estudos sobre o assunto; análises a respeito de tal acionamento aparecem na pesquisa de Silva (2017) sobre prostituição de mulheres indígenas, bem como em pesquisas que versam sobre trabalhadoras sexuais brasileiras migrantes. Em relação à prostituição indígenas, entende-se a identidade étnica, assim como a de prostituta, como uma atribuição de valor e identificação situacional, relacional e contextual que se baseiam em jogos de interesses.

Enquanto que nas pesquisas sobre prostitutas brasileiras migrantes, vê-se que negociando juntas às noções de brasilidade, - nas quais há articulação entre gênero, sexualidade, raça e etnicidade/ nacionalidade que, neste caso, estão permeados por noções ambíguas de estilos de feminilidade tidos como submissos e com uma alegre disposição naturalmente intensa para fazer sexo, além de uma propensão à prostituição-, as prostitutas apostam na negociação da articulações dessas diferenças, pois acreditam ser útil para atrair clientes (PISCITELLI, 2013). Notemos, neste caso, que o acionamento de uma identidade étnico-racial emerge então como uma possibilidade de negociação e, portanto, uma tática para maiores lucros no trabalho sexual.

Além disso, vemos nas narrativas outros modos de negociação em meio às relações estabelecidas na prostituição, modificações que dizem respeito à imposição de um padrão de beleza que privilegia modelos estéticos europeus ocidentalizados, como por exemplo, alisar o cabelo e tingi-los de loiro a fim de chamarem a atenção de clientes, também foi um meio possível de se ganhar mais dinheiro.

As negociações e jogos de interesses nem sempre se constituíam de forma simétrica quando pensamos as hierarquias presentes no trabalho sexual<sup>5</sup>. As relações assimétricas as quais especificamente me refiro estão relacionadas às gramáticas sexuais

---

<sup>5</sup> Acho problemática a ideia de pensar uma hierarquia fixa na prostituição. Boa parte das trabalhadoras sexuais costumam migrar seja de uma boate a outra, de um estado a outro e até de um país a outro, e nessas mudanças podem ocorrer também variações entre valores de programa e condições de trabalho. Ao apontar para tais hierarquias, o faço para pensarmos como em algumas situações certas barreiras podem ser intransponíveis, e como geração, raça e classe podem forjar essas mesmas barreiras na prostituição heterossexual. Afinal, boa parte das prostitutas conseguem caminhar sobre as nuances dos diferentes modos de exercer a prostituição, mas não são todas.

que envolvem as questões raciais na prostituição que por sua vez emergem remontando e reatualizando endereçamentos já bem conhecidos.

Desta forma, uma vez que as negociações vistas são justamente aquelas que evocam e reencenam as imagens estereotipadas das interlocutoras, a capacidade de agência vista em campo é aquela que se aproxima das noções de Mahmood (2019), que defende uma separação entre a noção de agência e a de resistência, em que os significados e efeitos da agência não se encontram na subversão e ressignificação das normas hegemônicas, mas nas múltiplas formas em que as normas podem ser incorporadas.

Desligar a agência do tropo de resistência possibilita ainda, aproximando-nos de alguns estudos sobre a prostituição, voltar nossas atenções não para uma teoria sobre resistência, ou antes uma teoria sobre a felicidade dos indivíduos apesar da opressão; mas de uma teoria sobre possibilidades de ação e até de criatividade prática (OLIVAR, 2013).

E por esta lógica, as trabalhadoras sexuais, mesmo e principalmente diante do contexto histórico explanado, são compreendidas como sujeitos e protagonistas de sua história. Direciono então nossas intenções em observar também as práticas criativas presentes no cotidiano das interlocutoras. Nesses intentos, menos que pôr em segundo plano as dificuldades enfrentadas pelas trabalhadoras, almejo entrelaçá-las a outras vivências diárias, modos de vida e táticas de enfrentamento às adversidades presente no cotidiano de trabalho.

### **Notas sobre as redes de solidariedade: (re) existências na prostituição**

Levando-nos a este outro ponto de análise, denoto que as relações de solidariedade das trabalhadoras entre si se emaranham ao cotidiano e se forjam como possibilidades de criativas de resistências práticas e táticas. Os laços de solidariedade entre elas nem sempre se construía de forma duradoura e harmoniosa, no entanto, emergiam como uma das possibilidades mais viáveis para sobrevivência diante de adversidades, assim como forneciam base para interações que facilitavam vivências mais ricas, seja afetivamente como materialmente para as interlocutoras. Tais práticas ainda surgiam em meio às diferenças, uma vez que uma mesma zona pode ser habitada por trabalhadoras sexuais que dentre outras questões diferenciam-se majoritariamente entre raça, geração e orientação sexual.

Ainda que algumas das zonas pesquisadas fossem habitadas principalmente por mulheres brancas com ganhos maiores, e outras por mulheres negras e pobres; isso não ocorria de forma absoluta. Em um espaço imerso às diferenças, competitividade e riscos, as redes de solidariedade entre as prostitutas não levavam em consideração possíveis prescrições feministas sobre modos de relação entre mulheres<sup>6</sup>, que afinal mal chegavam por lá.

*Em outro cabaré, naquele mais luxuoso, é comum que as garotas se aproximem e formem grupos por afinidades, alguns deles são homogêneos. Joana, Tainá, Larissa e Marcela partilham dos mesmos gostos musicais, modo de vestir, modos de inserção no trabalho sexual também são parecidos, e migraram da mesma região do país, o Nordeste. São mulheres negras e caminham juntas sempre que estão desacompanhadas, isto é, sem clientes. Tainá conta que certo dia, adoeceu e teve espirros e febre, não se sabia bem do que se tratava. Quando as colegas saíam, traziam remédios, sopas, e Larissa, uma outra colega, ainda inventou um chá milagroso para ajudar a amiga. Carinhos e afagos foram dados a Tainá. Aliás, ela já não consegue ir trabalhar e os dirigentes da boate sugeriram que ela retornasse para casa. Observando que sua casa se localiza no norte da Bahia, ela decidiu não voltar. Suas amigas fizeram vaquinha e pagaram um motel para a colega ficar. Duas semanas após o ocorrido, ela retornou. Larissa e ela se desentenderam, parece que o desentendimento ocorreu devido a uma roupa pega emprestada, mas sem permissão. Uma delas se afastou do grupo, e pediu para mudar de quarto no alojamento. Por vezes, na ausência de Tainá, Larissa se aproximava das colegas que compunham o grupo, e esparramava-se como se sentisse em um espaço de intimidade. As colegas ficaram todas um mês por lá, e depois foram embora. Outros círculos de solidariedade e cuidados se criam em outras casas pesquisadas. Quando se reencontrarem em algum puteiro, como de costume entre as garotas, é bem provável que se reaproximem. Dizem que se sentem protegidas quando perto de uma garota que já conhecem. Não se sabe ao certo do que se protegem, exceto em casos extremos onde há clientes violentos, o que se sabe é que uma amiga pode oferecer uma sensação de pertencimento.*

---

<sup>6</sup> Sobre tais modos de relação sugiro ler Gaviola (2015) e Faderman (1981), em suma, trata-se ainda da prescrição de uma necessária construção da cumplicidade entre mulheres, que possui grande possibilidade de transcender o espaço do íntimo, do privado, para fluir em outras dimensões humanas.

### **Ponderações finais**

Compreender as formas como os diferentes espaços no trabalho sexual são ocupados, e por quais corpos são ocupados, emerge como uma possibilidade analítica a respeito de como se inscrevem as gramáticas afetivas e sexuais entrelaçadas a este universo. Trata-se, neste caso, de perceber os modos como a intersecção de categorias diferenciação corrobora na conformação do desejo dos clientes, e nos ganhos e vivências das trabalhadoras.

Explico-me. Ao observar as maneiras com as quais as interlocutoras negociam junto às variáveis que compõe a categoria mulata, ou de acordo com o acionamento de uma identidade étnico-racial indígena, a fim de obter mais ganhos financeiros no trabalho sexual, a força de negociação emerge intrinsecamente ligada à articulação de categorias, como idade, “cor”, peso, cabelo, por exemplo. Isto é, as formas como tal articulação de categorias poderá ocorrer é que direcionará os lugares possíveis que tais mulheres irão ocupar no desejo do cliente e, portanto, nos diferentes espaços do trabalho sexual.

Ainda assim tal intersecção não anula a maior incidência de mulheres negras vinculadas aos espaços com menores ganhos, e de piores condições de trabalho. Isto demonstra como a prostituição se conecta às tramas das relações sociais que extrapolam o âmbito laboral (PISCITELLI, 2014). As narrativas das interlocutoras denotam também que, além delas tensionarem as relações poder por meio das formas com que incorporam as normas e negociam com elas, as redes de afetos entre elas proporcionam cuidado e apoio mútuo diante de adversidades. O que de acordo com elas pode ser compreendido como redes de resistências.

### **Referências**

BANUTH, Raquel de Freitas; SANTOS, Manoel Antônio dos. Vivências de discriminação e resistência de uma prostituta negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 763-776, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002862015>. Acesso em: 28 ago. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas 1: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Entre a luxúria e o pudor: A história do sexo no Brasil**. São Paulo: Octavo, 2011.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6/7, p. 35-50, 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860>. Acesso em: 28 ago. 2021.

FADERMAN, Lillian. **Surpassing the love of men**. London: Women's Press, 1981.

GAVIOLA, Edda. Notas sobre amizade política entre mulheres. Margareth Pisano: **Pensamento Feminista Radical e Política** [Online]. 2015. Disponível em: <https://www.mpisano.cl/apuntes-sobre-la-amistad-politica-entre-mujeres-por-edda-gaviola/>. Acesso em: 28 ago. 2021

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, 1984, p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasil\\_eira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasil_eira%20%281%29.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

GAVIOLA, Edda. Notas sobre amizade política entre mulheres. Margareth Pisano: **Pensamento Feminista Radical e Política** [Online]. 2015. Disponível em: <https://www.mpisano.cl/apuntes-sobre-la-amistad-politica-entre-mujeres-por-edda-gaviola/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

GILLIAM, Angela; GILLIAM, Onik'a. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, 1995, v. 3, n. 2, p. 525-543. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471>. Acesso em: 28 ago. 2021.

GÓES, Juliana Moraes. Corpo, autonomia e associativismo: a participação das prostitutas da Guaicurus. 2017. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQFQ8A>. Acesso em: 28 ago. 2021.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik e colaboração de Katia Santos. **Revista Z cultural (UFRJ)**, ano VIII, n. 2, 1993. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%ef%80%aa/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 23, n. 1), p. 135-175, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em: 28 ago. 2021.

NUNES, Alyne Isabelle Ferreira. Violência racial e prostituição: um debate para além do gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN'S WORLDS CONGRESS. **Anais [...]. Florianópolis**, 2017, ISSN 2179-

510X, p. 1-12. Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499425759\\_ARQUIVO\\_AlyneNunesFG.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499425759_ARQUIVO_AlyneNunesFG.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

NUNES, Alyne Isabelle Ferreira. Prostituição Feminina Negra: Uma análise da violência racial e de gênero na trajetória de vida. 2015. 121 f. **Dissertação (Mestrado)** – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16514>. Acesso em: 28 ago. 2021.

OLIVEIRA, Monica Queiroz. Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil. 2008. **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal de Minas Gerais, MG. 179 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA7WSPSZ>. Acesso em: 28 ago. 2021.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013.

PRECHET, Beatriz do Nascimento. Enegrecendo o meretrício: Experiências da prostituição feminina no Rio De Janeiro (1871-1909). **Dissertação (mestrado)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51154/51154.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: **EdUERJ**, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Violências e afetos: Intercâmbios sexuais. **Cadernos pagu**, Campinas, v. 42, p. 159-199, 2014.

RAMOS, Diana. “Preta, pobre e puta”: a segregação urbana da prostituição em Campinas - Jardim Itatinga. 2015. **Tese (Doutorado)** - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 334p.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Livia Freire. Se fazer prostituta e indígena: identidades em processo In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN’S WORLDS CONGRESS. **Anais [...]. Florianópolis**, 2017, ISSN 2179-510X, p. 1-12.

Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499288483\\_ARQUIVO\\_Sefazerprostitutaeeindigena,final.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499288483_ARQUIVO_Sefazerprostitutaeeindigena,final.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

**TAINÁ: Uma Aventura na Amazônia**. Direção de Tânia Lamarca; Sérgio Bloch. Produção de Pedro Carlos Rovai. 2000.